

Nova abordagem contra leucemia aguda

Reprogramar células tumorais para fazê-las produzir a proteína interleucina-12 (IL-12), capaz de estimular o sistema imune a combater o câncer, é a estratégia de um novo tratamento contra leucemia mieloide aguda (LMA) que começou a ser testado no Canadá. A primeira fase de ensaios clínicos (em humanos), cujo objetivo é atestar a segurança do método, está sendo conduzida no Princess Margaret Cancer Centre, em Toronto, sob a coordenação do imunologista Christopher Paige.

Resultados foram apresentados em abril, durante o congresso *Next Frontiers to Cure Cancer*, organizado pelo A.C. Camargo Cancer Center, em São Paulo.

A técnica consiste em retirar células tumorais do próprio paciente, reprogramá-las *in vitro* com o uso de um vetor viral e injetá-las de volta no organismo em uma única aplicação. “Caso funcione, o mesmo princípio poderá ser usado contra qualquer tipo de tumor com potencial para causar metástase”, disse Paige em entrevista à Agência Fapesp.



Câncer de ovário

Estudo divulgado pela revista *Nature Genetics* detectou 12 novas variantes genéticas que aumentam o risco de desenvolver câncer de ovário, além de confirmar 18 variações previamente identificadas. Foi analisado o DNA de quase 100 mil mulheres, 17 mil com o tipo mais comum da doença (carcinoma epitelial de ovário). Segundo o estudo, os defeitos hereditários encontrados nos genes BRCA1 e BRCA2 representam cerca de 40% do componente hereditário para a doença. Embora sejam raros, eles estão associados a um alto risco de desenvolver o câncer – 50% para os portadores do BRCA1 e 16% para os do BRCA2. Variantes mais comuns entre a população – presentes em mais de uma em cada 100 pessoas –, representam a maior parte do restante dos componentes de risco herdados.



Obesidade cresce 60% no Brasil

Em 11 anos, a prevalência da obesidade passou de 11,8%, em 2006, para 18,9%, em 2016, atingindo quase um em cada cinco brasileiros. Os dados fazem parte da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel), feita pelo Ministério da Saúde em todas as capitais do País e divulgada em abril.

O resultado reflete respostas de entrevistas realizadas de fevereiro a dezembro de 2016, com 53.210 pessoas maiores de 18 anos. Anualmente, as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (cardiovasculares, respiratórias, diabetes e câncer) respondem por 74% das mortes no País.

Redome ganha prêmio internacional

O Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (Redome) foi o vencedor do Grand Prize, referente à campanha do Dia Mundial do Doador de Medula Óssea 2016 (WMDD, na sigla em inglês). O prêmio foi concedido pela World Marrow Donor Association.

No ano passado, o WMDD teve como tema a cooperação internacional entre os registros. O Redome aproveitou a realização da Olimpíada para conscientizar os doadores sobre a atualização de cadastro, mostrando que eles poderiam salvar uma vida em qualquer país do mundo. A campanha conseguiu apoio de atletas brasileiros. No período em que as ações foram realizadas, a média mensal de atualizações duplicou, e as publicações brasileiras em redes sociais obtiveram cerca de 800 mil alcances e 6 mil curtidas.

O registro brasileiro foi o único a apresentar uma campanha para atualização de cadastro. Os demais apostaram em ações para aumentar o número de doadores. Nas categorias originalidade e incentivo, os vencedores foram Gift of Life (EUA) e Datri Blood Stem Cell Donors Registry (Índia), respectivamente.



Antibióticos e pólipos intestinais

Mulheres que tomaram antibióticos por pelo menos dois meses ininterruptos, entre os 20 e os 60 anos, apresentaram maior frequência de pólipos, lesões benignas na parede do intestino que podem, a longo prazo, se transformar em câncer. É o que revela estudo publicado pela revista médica *Gut*, do grupo *British Medical Journal*.

O estudo analisou 16.600 americanas com mais de 60 anos que realizaram colonoscopia, incluindo 1.195 que apresentaram pólipos ou adenomas colorretais.

Os autores do estudo, da Harvard Medical School e da Harvard TH Chan School of Public Health, em Boston, observaram que mulheres submetidas a tratamento com antibióticos durante ao menos dois meses acumulados, entre os 20 e os 39 anos, tinham 36% mais chance de ter pólipos no cólon ou no reto. Entre as que receberam antibióticos durante ao menos dois meses entre os 40 e os 59 anos, a chance é 69% maior. O estudo constata uma situação estatística, mas não estabelece uma relação de causa e efeito. A relação teria uma explicação biológica plausível, já que os antibióticos alteram a flora intestinal ao reduzirem a quantidade e a diversidade das bactérias benéficas.

Oncogenética

A Rede Brasileira de Câncer Hereditário, que tem entre seus integrantes o INCA, publicou um fascículo especial de Oncogenética na revista *Genetics and Molecular Biology*, de acesso aberto e indexada no PubMed. Todos os artigos, em inglês, podem ser livremente acessados pelo endereço: <https://goo.gl/XbL6vc>.